

O DOCUMENTALISTA COMO ETNÓGRAFO: UMA REFLEXÃO SOBRE A INTERAÇÃO ENTRE ARQUIVOLOGIA E ANTROPOLOGIA

INFORMATION OFFICER AS AN ETHNOGRAPHER: INFORMATION OFFICER AS AN ETHNOGRAPHER

Maristela Costa Martiniano
Rubens Alves Silva

Resumo: A proposta deste texto é apresentar a pesquisa que está em desenvolvimento para elaboração de dissertação de mestrado. Focada na análise documental do arquivo pessoal do pesquisador mineiro Nelson Coelho de Senna, que consiste na reunião de documentos textuais (anotações, rascunhos) e iconográficos (fotografias, desenhos) acumulados ao longo dos 50 anos de viagens e observações do produtor pelo território de Minas Gerais. O material analisado encontra-se no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e foi inventariado no ano 2000, trazendo à tona uma gama enorme de assuntos que foram suscitados pelo pesquisador e são passíveis de estudos que os tratem de forma vertical e aprofundada. O objetivo deste estudo é evidenciar a relevância do trabalho de campo dentro do arquivo, reunindo condições para se apurar questões relativas à antropologia étnica a partir de registros documentais e desenvolver um trabalho de relevância significativa no campo da Ciência da Informação. Os procedimentos metodológicos utilizados nessa fase inicial do trabalho são o método etnográfico, pesquisa documental e análise de conteúdo. Os resultados são parciais, mas consistem no levantamento e exploração de conteúdo in loco delimitando como referência empírica do estudo uma investigação a partir dos conceitos da arquivologia com um olhar antropológico. Como conclusão do recenseamento documental averiguado nesta etapa, tem-se a noção da riqueza das informações contidas no fundo em questão e que necessitam de dedicação na análise.

Palavras-chave: Arquivo pessoal. Informação. Etnografia. Arquivologia.

Abstract: The purpose of this is to present the research that is being developed for preparation of dissertation. Document analysis focused on the personnel file of the mining researcher Nelson Coelho de Senna, who is the meeting of textual documents (notes, drafts) and iconography (photographs, drawings) accumulated over 50 years of travels and observations from producer through the territory of Mines general. The analyzed material is in the Public Archives of the City of Belo Horizonte and was inventoried in 2000, bringing to light an enormous range of issues which were raised by the researcher and are amenable to studies that address the vertical and depth. The aim of this study is to show the relevance of fieldwork within the file, herding conditions to determine issues relating to ethnic anthropology from documentary records and develop a work of significant importance in the field of Information Science. The methodological procedures used in this initial phase of the work are the ethnographic method, documentary research and content analysis. The results are partial, but consist in the survey and exploration of content-spot delimiting an empirical study reference from an investigation of the concepts of archival with an anthropological look. As a conclusion of the documentary census ascertained at this stage, there is the notion of the wealth of information contained in the fund in question and need dedication in the analysis.

Keywords: Information Science. Anthropology. Archivology.

INTRODUÇÃO

Transmutar o campo etnográfico para dentro de um arquivo documental é um dos traços de provocação presente neste trabalho, que versa sobre a complexidade de uma pesquisa de campo onde o interlocutor está ausente. Ou seja, “trabalhar em campo” como é compreendido pela antropologia, mas aos moldes da arquivologia, ressaltando a ordenação dos registros de forma melhor propiciar a investigação fluida destes documentos.

A interlocução entre temas da arquivologia e antropologia é fomentada pela Ciência da Informação, como uma Ciência Social Aplicada que é, e que preza por este diálogo. Jardim atenta para esta possibilidade.

O quadro atual dos estudos no campo da informação, aí incluída a Arquivologia, traz implícita uma hipótese e convida-nos a debruçarmos sobre ela. Esta hipótese é a de novas e variadas dimensões no campo arquivístico. Quando nos referimos à palavra “dimensão”, remetemo-nos a medidas, tamanhos, extensão, enfim, a espaços. No caso, a espaços de conhecimentos arquivísticos. Refletirmos sobre novas dimensões da Arquivologia, leva-nos, portanto, à hipótese de que a área encontra-se em vias de um profundo redimensionamento, num processo reestruturador dos seus espaços. Espaços científicos, tecnológicos, sociais. Espaços de crise e crescimento (JARDIM, 1999,p.1).

Quanto à utilização de arquivos como campo de trabalho Frehse pensa o seguinte:

O que implica, num primeiro momento, definir algumas peculiaridades que envolvem a investigação quando o arquivo é o campo, cenário físico amplo e diversificado onde podem ser buscados os objetos de reflexão do antropólogo. Veremos que se trata de um campo bem específico, que nutre muitas diferenças, mas também possui algumas importantes semelhanças, com a noção de “campo” em seu sentido clássico na antropologia: a de um cenário físico no qual o antropólogo realiza, frente a frente com os sujeitos que estuda, a observação participante das práticas culturais cujos significados lhe interessa apreender. (FREHSE, 2005,p.132)

Este texto traz como proposta a perspectiva de conceber em um arquivo pessoal, um vasto campo etnográfico e fecundo para estudos étnicos- sociais. Tendo em vista que o produtor dedicou-se como um “etnógrafo”, explorando algumas cidades mineiras, com destaque às comunidades indígenas e quilombolas.

O intuito maior é fazer uma análise documental a partir de um arquivo pessoal específico, cujo desde a publicação do inventário, confere uma noção da quantidade de informações relevantes à história de comunidades encontram-se contidas no arquivo.

OS ARQUIVOS

O interesse pelo arquivo pessoal Nelson de Senna veio a partir do estágio não obrigatório realizado no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte (APCBH), no segundo semestre do ano de 2010, onde apesar de não trabalhar diretamente com o acervo houve um

contato esporádico e daí um interesse para trabalhos futuros pelas questões étnicas ali encontradas.

O Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte é um órgão da Prefeitura subordinado a Fundação Municipal de Cultura. Criado em 1991 é responsável pela gestão, guarda, preservação e acesso dos documentos produzidos ou recebidos pelo poder executivo municipal. Tem como objetivo a preservação dos acervos documentais produzidos e recebidos pelo Poder Executivo Municipal, também dos documentos privados de interesse público, com isso atenta auxiliar a transparência das operações da administração pública, coadjuvar na pesquisa científica, na proteção dos direitos do cidadão e no desenvolvimento da identidade social do belo-horizontino.

O Arquivo pessoal Nelson de Senna foi doado ao APCBH em abril de 1999 e reúne a produção de suas numerosas atividades, seu relevante espólio intelectual e político, onde se destacam os manuscritos de seus trabalhos sobre os nomes dos lugares em linguagem indígena e africana, e as heranças linguísticas em Minas Gerais. Por esses e por outros temas presentes em sua pesquisa tornou-se um arquivo de relevância e interesse público.

ARQUIVO PESSOAL

O arquivo pessoal traz consigo, muito das impressões do produtor. Mas não deixa de apresentar gravado em si, a influência do tempo e espaço social em que foram recolhidas tais informações. E é justamente este tempo e espaço apresentados, mesmo que indiretamente, que faz de interesse público e social alguns arquivos pessoais. Bellotto explicita o arquivo pessoal da seguinte maneira.

O arquivo pessoal como fonte de pesquisa apresenta variantes que convém explicitar. Ele pode ser usado como documentação básica, como documentação alternativa, como documentação subsidiária ou como documentação paralela. O mesmo conjunto documental serve de uma forma ou outra em relação à pesquisa proposta. Isso depende do tema, das hipóteses levantadas, da perspectiva da abordagem do próprio fio condutor que o documento evidencia ao historiador e não o contrário. (BELLOTTO,2006,p.268)

Sobre o arquivo pessoal de valor histórico social Heymann descobre com tais palavras:

A relação entre memória e identidade é um tema clássico, já que os grupos se fundam também sobre o compartilhamento de uma memória comum. Ao emergir na cena social afirmando sua identidade, os grupos trazem à luz uma memória para qual buscarão reconhecimento no espaço público. Mais do que isso, entre as lutas por direitos, ganha lugar aquela que procura não só manter viva uma memória particular, mas também conquistar espaço no discurso histórico valendo-se de uma revisão das interpretações sobre o passado, figurar nos livros e manuais escolares e ver-se incluída no calendário oficial de comemorações. Essas reivindicações têm como objetivo, muitas vezes, reparar o silêncio e a invisibilidade que marcam a

trajetória dessas coletividades, assim como promover sua integração à história de uma nação à luz de nova perspectiva. (HEYMANN, 2012,p.18)

O ARQUIVO DOCUMENTAL COMO CAMPO ETNOGRÁFICO

A complexidade de se fazer do arquivo documental um campo de trabalho etnográfico vem da impossibilidade de interlocução direta com a comunidade em questão. Porém a partir das leituras é possível extrair das impressões do pesquisador e intentar a dimensão latente a pesquisa antropológica nos arquivos. Como cita Porto.

A etnografia do arquivo assenta nas anotações relativas a correspondências, analogias, regularidades, remissões, ou o seu reverso, que os arquivos disponibilizam, isto é, assenta nos registros de outrem das suas próprias experiências, historicamente circunscritas, na maioria dos casos não controláveis por esse directo, “naturalizados” (nas classificações e ordenação pela estrutura terminada do arquivo). A etnografia de um arquivo parte, necessariamente, dessa condição do arquivo: que ele se protege de facto de ser um arquivo, mas que enquanto tal, é um produto específico da articulação de estruturas e agências concretas. (PORTO,2000,p.127)

A apreciação através de documentos exige uma interpretação de entrelinhas posto que não seja possível manter uma das relações primordiais da etnografia, a relação observador e observado na qual se olha, ouve-se, escreve-se. Ao pesquisador que analisa as anotações é reservada a transcrição fiel do encontrado nos arquivos, mas esta provavelmente será uma informação fragmentada que necessita de junção crítica através de textos, fotografias, anotações gravuras.

MÉTODO ETNOGRÁFICO

O termo etnografia, vem do grego *ethono*, que designa nação, povo; *egraphein*, ou seja, escrever; é a soma de técnicas utilizadas para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e o comportamento de certo grupo social o que podemos entender como cultura. Geertz em A interpretação das culturas fala sobre a cultura da seguinte forma:

[...] O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado. (GEERTZ,1989,p.15)

Esta metodologia de pesquisa qualitativa teve sua origem na antropologia cultural. Oliveira a define como:

[...] um método científico de pesquisa empírica, segundo o qual partimos dos ritos para chegar aos sentidos desses ritos, expressos por aqueles que deles participam para, enfim, construirmos o significado, ou seja, aquilo que resulta da interpretação etnográfica do pesquisador (OLIVEIRA, 2000, p.22)

E é justamente este um dos grandes desafios da pesquisa aqui apresentada, fazer uma pesquisa tão perto quanto seja capaz de observar costumes, crenças, hábitos, valores, práticas. E tão longe se tratando de documentos de arquivo.

PESQUISA DOCUMENTAL

Como explanado anteriormente o encanto pelo arquivo se deu através da visão da possibilidade de investigação de um campo fértil de informações ainda inexploradas.

A pesquisa documental é aplicada a documentos que não receberam tratamento analítico e são passíveis de reelaboração de acordo com os objetivos da pesquisa. Entre os documentos que recebem uma análise inicial, há também os que já sofreram alguma avaliação, mas ainda assim podem sofrer alterações de acordo com outras interpretações avaliadas pela pesquisa.

ANÁLISE DE CONTEÚDO

Bardin analisa o termo análise de conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47)

O autor cita ainda três fases segundo ele, primordiais a análise de conteúdo (pré análise, exploração do material e tratamento de resultados, que engloba a interferência e a interpretação) e que esta pesquisa apresenta interesse em aprofundar no decorrer do trabalho em andamento.

CONCLUSÕES

Por tratar-se de um trabalho de pesquisa ainda em início de desenvolvimento, em fase de captação de materiais relevantes á pesquisa as conclusões são ainda um pouco confusas. E tramitam o furor de acesso à vida acadêmica e o questionamento das possibilidades vindouras.

A complexidade para fazer o cruzamento das representações culturais através dos documentos de forma crítica levanta algumas questões:

Por que tais informações contidas nesses documentos são relevantes para pesquisa?

Será possível extrair de documentos as expressões culturais neles contidos, através do olhar do produtor e transforma-las em resultados de interesse social e científico?

Há realmente uma necessidade de conjugar saberes da arquivologia e da antropologia para realização desta pesquisa?

O que este texto tem a constatar até o momento é que a partir da interpretação etnográfica-documental, será possível deixar sua contribuição social, pelo teor cultural contido nos arquivos, como também a contribuição científica, pela junção de dois campos (antropologia, arquivologia), e pelos métodos de pesquisa que serão abordados.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 320p.

FREHRE, Fraya. Os informantes que jornais e fotografias revelam: para uma etnografia da civilidade nas ruas do passado. **Revista Estudos históricos**, Rio de Janeiro, n.36. julho-dezembro de 2005. p.131-136.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HEYMANN, Luciana Quillet. **Arquivos e interdisciplinaridade: algumas reflexões**. In.: Seminário CPDOC 35 anos: A Interdisciplinaridade nos estudos históricos, 2008, Rio de Janeiro. <Disponível em: www.cpdoc.fgv.br> Acesso em: 25 jul. 2014.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2000.

PORTO, Nuno. **O museu e o arquivo do Império**. In: BASTO, Cristiana; ALMEIDA, Miguel Vale de, e FELDMAN-BIANCO, Bela. *Trânsitos Coloniais – diálogos críticos luso-brasileiros*. Campinas (SP): UNICAMP, 2007.